

ENTREVISTA

Educação especial, pesquisa e histórias de vida

Kátia Regina Moreno Caiado*

Palavras-chave: Deficientes. História de vida – metodologia. Fontes orais.

Juntar memórias, lembranças, pensar a própria história e narrá-la a um pesquisador que busca respostas para questões importantes. Pensar *o falar da vida* como um recurso pedagógico interessante e revelador é o principal método de pesquisa da professora Kátia Regina Moreno Caiado, que pesquisa o papel da universidade no processo de formação (inicial e continuada) de professores para a Educação Básica e Superior, na modalidade da Educação Especial e numa perspectiva inclusiva tanto do ponto de vista das políticas educacionais quanto do trabalho docente no Ensino Superior.

Professora adjunta no Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), é organizadora do livro *Educação Especial: diálogo e pluralidade*, publicado em 2008 pela editora Mediação, e autora de *Aluno deficiente visual na escola: lembranças e depoimentos*, editado em 2006 pela Autores Associados.

Revista Ponto de Vista: De onde veio o teu interesse por pesquisa, em especial por pesquisar pessoas com deficiência?

Kátia Caiado: Comecei a trabalhar muito cedo na área. Aos 15 anos de idade, fui trabalhar como voluntária na APAE de São Paulo. Naquela época, para ser voluntária era necessário fazer um curso, e aí tive a oportunidade de ter aulas com o

* Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. Professora adjunta no Centro de Educação e Ciências Humanas na Universidade Federal de São Carlos. Entrevista realizada por telefone em 20 de novembro de 2008 por Maria José Baldessar, doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Professora adjunta da Universidade Federal de Santa Catarina no Programa de Pós-Graduação em Design e Expressão Gráfica e na graduação do curso de Jornalismo.

dr. Stanislaw Krinski,¹ a professora Rosa Florenzano e outros nomes que marcaram a área na década de 1970. Na graduação, cursei Pedagogia com a habilitação para atuar com a deficiência mental e tive bolsa de iniciação científica (atual Pibic), o que me levou para o mestrado e a vida acadêmica. No dia em que fiz a matrícula no mestrado na UFSCar, li um cartaz no mural, em frente à secretaria do curso, informando que havia vaga para professor na Unimep (Universidade Metodista de Piracicaba), na área da Educação Especial. Mande o currículo por curiosidade, marcaram uma entrevista, e eu trabalhei lá por nove anos.

Revista Ponto de Vista: Poderias traçar um panorama atual da pesquisa em Educação Especial no Brasil?

Kátia Caiado: A produção na área tem crescido muito. Há dois exemplos de fácil acesso para conferir isso: a produção apresentada anualmente no GT 15 da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) e a produção publicada pela Revista Brasileira de Educação Especial. Mas é uma área complexa e que tem mais produção em alguns campos do conhecimento em detrimento de outros. Há muita produção na área médica e poucos trabalhos na história da educação, por exemplo.

Revista Ponto de Vista: Tens trabalhado com métodos narrativos, em especial com histórias de vida. O que te levou a essa opção metodológica?

Kátia Caiado: Meu encontro com a metodologia “história de vida” foi intuitivo. Na tese de doutorado, eu contei sobre essa história no capítulo do método. Como professora de graduação em curso de formação de professor para a Educação Especial, diversas vezes tive a oportunidade de convidar pessoas deficientes e seus familiares para conversarem com os alunos. Com essa atividade, aprendi a força dos depoimentos orais como recurso pedagógico, pois a discussão teórica dos conteúdos arrolados nas disciplinas ganhava os significados complexos e múltiplos que a vida traz. O exercício se colocava nesse movimento: partir dos textos acadêmicos, ir para os depoimentos e depois reencontrar novos textos acadêmicos que discutissem as novas questões que os depoimentos suscitaram. Claro, ficava evidente que o drama da vida é maior e mais complexo do que o texto produzido, como já apontava Calvino (1998). Sim, nesse procedimento de ouvir o drama/a trama da vida, ficava claro o quanto o texto acadêmico reduzia a vida a alguns tópicos de análise. Porém, também ficava claro que o

¹ Considerado o pai da psiquiatria moderna no Brasil. Tem diversos estudos na área do Serviço Social e Pedagogia acerca de pessoas portadora de necessidades especiais.

texto acadêmico dava “luz” para olhar entranhas, estabelecer relações, trazer novas indagações. Parceiros, então: depoimentos de vida e análise teórica da trama histórica em que essa vida/depoimento se deu. Essa “força” metodológica, fui intuindo, reelaborando, refazendo em minha atividade profissional.

Revista Ponto de Vista: Achas que esse método é mais eficaz e revela mais que os outros (no sentido da eficiência da abordagem)?

Kátia Caiado: Depende do que se pretende estudar, depende do referencial teórico com que se trabalha. Em outro trabalho, eu refleti sobre isso e escrevi: “A proposta de discussão que trago sobre a utilização de Histórias de Vida na pesquisa em educação, e em educação especial, não se circunscreve aos fundamentos da pesquisa qualitativa que a caracterizam, dentre outros, como descritiva e particular (BOGDAN; BIKLEN, 2003). Aqui, se compreende a história de vida enquanto realidade empírica, como um fragmento, ou uma síntese, que conserva múltiplas e complexas determinações da vida humana. Portanto, enquanto realidade empírica a história de vida de um indivíduo pode ser conhecida na sua aparência a partir de diferentes fontes, como: depoimentos orais, indicadores sociais, fotografias, documentos clínicos, escolares, trabalhistas. De posse de todos os dados orais e documentais deve-se passar para uma análise categorial que relacione essa vida particular às relações sociais que a engendraram e, assim, possa-se apreender os processos de constituição de um indivíduo concreto, síntese de múltiplas e complexas determinações. Mesmo com a utilização de diferentes e variadas fontes, não se nega aqui a primazia da escuta do depoimento oral como fonte relevante na construção dos dados”.

Revista Ponto de Vista: Conceitua para nós fontes orais?

Kátia Caiado: São relatos ou depoimentos orais registrados. Esses relatos ou depoimentos são induzidos, estimulados a partir de um roteiro (perguntas, fotografias, recortes de jornal, etc.) que o pesquisador apresenta ao entrevistado com o objetivo de “aquecer” a memória, de conduzir a entrevista a partir dos objetivos do trabalho. Portanto, a fonte oral se concretiza como corpo documental quando ela é transcrita para ser então trabalhada pelo pesquisador.

Revista Ponto de Vista: Parece-me um recontar a “própria história” com a mediação de um ator externo. É isso?

Kátia Caiado: Sim, mas é um recontar que o pesquisador induz, porque ele está investigando algo. Há um projeto de pesquisa com objetivos definidos, há um roteiro de perguntas que norteia a relação do pesquisador com o participante.

Kátia Regina Moreno Caiado

Revista Ponto de Vista: O método “história de vida” é bem aceito na academia?

Kátia Caiado: Sim, há vários trabalhos de tese e dissertação cuja abordagem metodológica é a história de vida.

Revista Ponto de Vista: Quem são os teóricos que te dão respaldo nessa jornada de entender as fontes orais/os relatos de vida como método de pesquisa?

Kátia Caiado: Há dois livros que estou sempre relendo, um da Ecléa Bosi, *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, e outro do Pierre Bourdieu, *A miséria do mundo*. Acabei de ler uma resenha sobre o livro *As vozes do mundo*, do Boaventura de Souza Santos, já encomendei o livro porque estou supercuriosa.

Revista Ponto de Vista: O trabalho com a metodologia de história de vida coloca o pesquisador dentro de contextos às vezes inesperados. Como pensa isso?

Kátia Caiado: Sim, nem sempre é fácil quando se trabalha com temáticas que envolvem preconceitos, marginalização, sofrimento. Como pesquisador, você pede emprestado ao participante a história de sua vida marcada por emoções e dramas nem sempre já elaborados. Conduzir a entrevista é um aprendizado sempre, exige experiência, sensibilidade. Pierre Bourdieu discute essa questão no texto final do livro *A miséria do mundo* e nos revela o quanto é importante a discussão da pesquisa no grupo de pesquisa, e como nos formamos pesquisadores nesse embate do grupo. A cada entrevista, é necessário avaliar o roteiro, o face-a-face, a condução, a interação e a produção da entrevista.

Referências

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari K. *Investigação qualitativa em Educação: uma introdução teoria e aos métodos*. Porto: Porto, 2003. 336p.

CALVINO, I. A palavra escrita e a não escrita. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. *Usos e abusos da história oral*. 2. edição. Rio de Janeiro, FGV: p. 139-148.

Kátia Regina Moreno Caiado

E-mail: kaiado@uol.com.br

Maria José Baldessar

E-mail: mbaldessar@hotmail.com